



SUSAN FISCHER

UNIVERSO DE COR

A CONSULTORA DE COR CHILENA ABRE-NOS AS PORTAS DA UNBOX COLOR, EM LISBOA, PARA UMA CONVERSA... POLICROMÁTICA.

POR: PATRÍCIA ROCHA **FOTOS:** ED ROBISNON / CLEAR SPACE PHOTOGRAPHY

O que a levou a escolher Portugal para viver?
Eu e o meu marido fizemos um percurso de trabalho voluntário e missionário noutros países da Europa e, durante esse tempo, tivemos a oportunidade de visitar Portugal e conhecer uma organização chamada Serve The City. De alguma forma, sentimos que Lisboa seria o lugar para ver a nossa família crescer e também para servir a sociedade. Mudámo-nos para cá em 2015.

É arquiteta e consultora de cor. Quando é que a prática da cor se tornou profissão?
Quando fiz 40 anos e as minhas crianças já estavam mais independentes, reparei que não queria continuar a trabalhar como arquiteta. Precisava de me dedicar a algo criativo usando o meu background como arquiteta. Depois de muita pesquisa, reparei que existia a profissão de consultora de cor. Decidi estudar e, desde então, não consigo deixar de aprofundar os meus estudos. É um tema tão amplo e contagiante que é impossível parar.

Qual é o papel de uma consultora de cor?
Como consultora de cor entendo os efeitos psicológicos e simbólicos da cor e como esta afeta os diferentes espaços. Consigo traduzir em cores as emoções que o cliente quer sentir em cada ambiente. O contexto também é fundamental na hora de criar paletas de cor e fluidez entre os espaços. Dentro do possível, crio paletas para a casa como um todo.

A paixão pela cor é antiga?
Sempre fui uma apaixonada pela cor. A minha mãe pintava e eu passava horas a ver as tintas de diferentes cores. Em pequena sonhava que um dia teria uma papelaria com lápis e papéis de mil cores. Na faculdade, as aulas de que mais gostava eram as de arte. Quando vim morar para Lisboa, fiz questão



"A GRANDE MAIORIA NÃO ARRISCA E NÃO SAI DO BRANCO. MAS, AOS POUCOS, OS PORTUGUESES ESTÃO A PENSAR MAIS FORA DA CAIXA"

de estudar aguarela, um sonho bem guardado no meu coração. Há uma parte de mim que é artista, mas não sou suficientemente disciplinada para simplesmente criar.

Como surgiu o projeto Unbox Color?

Comecei a oferecer os meus serviços de consultoria de cor na primeira semana de março de 2020 e todos sabemos o que aconteceu a seguir. Fiz consultorias de cor virtuais para clientes no estrangeiro e rapidamente percebi que devia diversificar, oferecer produtos e não só serviços, pelo que fiz parcerias com algumas marcas de tintas, e o resto é história. A Unbox Color, que nasceu quando percebi a necessidade dos profissionais em aprofundar o conhecimento da cor e pensar a cor fora da caixa, funciona em quatro áreas: Color Consultation, Color Design, Color Education e Color Brands.

A abertura da Unbox Color, no Príncipe Real, em Lisboa, é um sonho concretizado?

Sem dúvida. Passei um ano e meio à procura do espaço perfeito para alugar. Quando apareceu a oportunidade, não a larguei. Aqui consigo dar os meus workshops de cor, de pintura para interiores e Color Immersion Days, ter convidados para palestras com temas à volta da cor e trabalhar com muitas marcas. Às vezes, quando lá estou, ainda é difícil acreditar que isto está mesmo a acontecer.

O que podemos encontrar neste showroom de cor?

Tenho a representação em Portugal da marca britânica de tintas The Little Greene Paint Company e misturo as cores no local. Tenho parceria com diversas marcas de materiais, como New Terracotta, Muratto, Microcrete, Finsa, Croma, Orac Decor, Claytec, entre outras. Também trabalho com a Montana e Mustard Made, marcas de mobiliário modular colorido.

A Unbox Color está aberta ao público ou apenas a profissionais?

A Unbox Color foi concebida para que qualquer pessoa possa ter um encontro >

com a cor, mexer nas amostras ou simplesmente espreitar um livro de cor. Os profissionais podem trazer os seus clientes e estudar cores e materiais para os seus projetos. Por enquanto, o espaço só está aberto por marcação.

Qual o projeto mais desafiante da sua carreira?

Há um ano conheci a Elizabeth Olwen, hoje minha amiga. Ela é canadiana, *surface* e *pattern* designer e mora em Lisboa. Eu tinha o sonho de fazer um retiro de cor e ela alinhou na ideia. Criámos a Color Story Retreat, uma experiência criativa e imersiva de três dias onde tudo gira à volta da cor. A primeira edição aconteceu em maio de 2022 e a segunda será no mês de setembro, e já temos várias pessoas a aguardar ansiosas.



E aquele de que mais se orgulha?

Sinto muito orgulho em ter uma parceria com a marca portuguesa de tintas Velacril (da Cintracor). É uma empresa familiar com todo o tipo de tintas da melhor qualidade, com a qual tenho estado a trabalhar na curadoria da primeira paleta de cores próprias da marca. O lançamento será no Dia Internacional da Cor (21 de março), pelo que fiquem atentos.

Os portugueses arriscam na cor?

Penso que existem muitos mitos que estão enraizados nas mentes portuguesas, por exemplo que os tetos brancos fazem com que as divisões pareçam mais altas. Por isso a grande maioria não arrisca e não sai do branco. Mas, aos poucos, os portugueses estão a pensar mais fora da caixa.

Como vê os interiores em Portugal?

É preciso perder o medo de usar a cor. Existem bons arquitetos e designers de interiores em Portugal, mas, na minha humilde opinião, os projetos acabam por ser mais ou menos iguais. Quando um projeto se destaca, muitas vezes é pelo bom uso da cor. Há que entender e aprender a usar a cor com mais confiança, torná-la parte vital do projeto.

Qual é a sua cor preferida, pessoal e profissionalmente?

A minha cor preferida é o azul, verde e amarelo (e todas as misturas entre elas). Não consigo escolher só uma. Profissionalmente, não tenho cores que use mais ou que sejam mais recorrentes. Faço questão de ouvir os meus clientes, os seus gostos e a história de cores de cada um. As cores mudam de projeto para projeto.

Tons neutros ou cores mais vivas?

Tudo depende do que se quer num ambiente e também é preciso saber o que cada pessoa entende por neutro. Os neutros já não são só os *off-white*, *bege*, *greige* (entre o *grey* e o *bege*) ou cinzas. Existem muitos verdes, castanhos e azuis que são os chamados novos neutros. O ideal é encontrar um equilíbrio perfeito entre cores neutras e, caso o espaço e as condições o permitam, apostar em algumas tonalidades mais vibrantes. Normalmente, o que funciona bem é uma combinação de neutros com



"IDENTIFICAR CORES QUE ESTÃO LIGADAS À NOSSA MEMÓRIA AFETIVA E UTILIZÁ-LAS NOS NOSSOS INTERIORES PODE TER UM EFEITO TRANSFORMADOR NA MANEIRA COMO HABITAMOS"

tons mais apagados (*muted*), que se alcançam com a adição de cinza.

O equilíbrio está na correta combinação de cores, materiais e texturas?

Os diferentes materiais e texturas enriquecem e multiplicam o universo das cores e ajudam a que um espaço seja mais interessante. No entanto, muitas vezes um espaço pode ser totalmente transformado só com o poder da tinta. O importante é utilizar as proporções corretas de cada cor e saber bem o efeito visual que se quer conseguir.

Que cores não se devem misturar?

Qualquer cor pode combinar com outra. Penso que um mito muito forte e comum é que há cores que não combinam, por exemplo, preto com azul-escuro, laranja com cor-de-rosa, etc. Não existem regras na hora de combinar cores. O problema não é misturar diferentes cores, mas saber escolher as tonalidades exatas de cada cor.

De que forma é que as cores influenciam as casas e as pessoas?

Está cientificamente comprovado que o ambiente ao nosso redor influencia diretamente a nossa saúde física e mental, pelo que muitas pessoas estão a expressar a sua criatividade em casa como forma de aumentar os seus sentimentos de alegria e bem-estar. O branco puro não existe na Natureza, logo não consegue conectar-nos com a nossa essência. Identificar cores que estão diretamente ligadas à nossa memória afetiva e utilizá-las nos nossos interiores pode ter um efeito transformador na maneira como habitamos.

Quais as principais tendências de cor para 2023?

Depois de uma década de cinzas frios, chegou a pandemia e precisámos de encontrar conforto, pelo que as cores-tendência começaram a aquecer. Os cinzas são agora mais quentes e um dos novos neutros para este ano é o castanho, assim como o verde, nas suas diversas tonalidades. Uma tendência de cor emergente, principalmente para a Geração Z, são os tons suaves de lavanda e lilás. O laranja, que tanto vimos nos anos 60 e 70, regressa com força aos interiores e os terracotas, entre outros tons quentes, também serão protagonistas. Os tons saturados e as combinações improváveis de cores claras permitem novas formas de autoexpressão. Por exemplo, azulão com rosa-claro. O importante ao usar cores que são tendência é combiná--las com outras tonalidades. ■